

Nesse segundo número da *Diaphonía* em 2019, a Revista entrevista a Professora Doutora Ester Maria Dreher Heuser dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação *Stricto Sensu* de Filosofia da UNIOESTE. A Revista, desde já, agradece o aceite do convite pela participação especial nessa edição.

D [Diaphonía]

EMDH [Ester Maria Dreher Heuser]

D – A professora poderia reconstituir um pouco sobre sua biografia, formação e o que motivou o interesse pela Filosofia?

EMDH – Agradeço muito ao PET e à *Revista Diaphonía* pelo convite para responder a essas questões e compor a Seção Entrevista, no segundo volume da edição de 2019, justo quando completa 10 anos que estou na UNIOESTE. Não creio que os comentários que dizem respeito à minha vida gerem interesse a algum leitor – geralmente vidas de professores não são interessantes –, mas é uma experiência válida para mim mesma, num movimento de pôr luz em cenas do passado que me acompanha, problematizar situações presentes e conjecturar possibilidades de futuro. Por isso sou grata. Ademais, a série de entrevistas que a *Diaphonía* tem feito está constituindo um verdadeiro arquivo das *bios* de nossos professores, um belo gesto que faz história/memória do nosso curso.

Como qualquer um, sou filha da época que me coube viver e dos afetos que me constituíram. Deixei de ser criança para me tornar estudante com quase sete anos; coisa impensável hoje em dia. Cada vez mais cedo pomos as crianças na máquina escolar, para dela saírem já adultas, mas ainda estudantes, como é o caso de praticamente todas as profissões atualmente, não só a de quem segue a vida acadêmica; a “formação continuada”, pelas circunstâncias do XXI, é exigida para todos, por questão de sobrevivência. Fazer das crianças estudantes é o nosso plano civilizatório, lutamos para que todos os recém-chegados tenham seu lugar garantido na escola, o mais cedo possível, com condições dignas de permanência nesse lugar que inventamos para mostrar-lhes o que é o mundo – o que dele e nele temos feito – e, ao mesmo tempo, dele as protegê-las – essa é uma das lições de Arendt que tomei para mim porque me agrada essa definição de escola.

Digo que deixei de ser criança para ser estudante porque acompanho a ideia de que depois que aprendemos a ler e escrever perdemos a infância – ainda que criança e infância mereçam distinções conceituais, sei [risos]. Me parece que entre a criança e o estudante há um divisor de águas. Não tem nada de lamento nisso. Se pensarmos no que acontece com uma pessoa quando ela aprende a ler e escrever, se vemos e avaliamos as transformações que ocorrem depois desse acontecimento, a percepção

disso, que parece ser “normal”, “natural”, se modifica radicalmente. A gente ganha o mundo! Não fui daquelas crianças que nas primeiras aulas já sai lendo e escrevendo, apesar de ter crescido num meio de acesso aos livros. Meu pai comprava coleções de enciclopédias para que tivéssemos ao alcance das mãos toda e qualquer informação (isso implicava um enorme investimento, diferente de hoje que basta ter internet), e de ter uma mãe leitora-voraz (lembro que às vezes eu a espiava “lendo com os olhos” e desejava muito que esse dia chegasse para mim).

Era maio, na primeira série, eu ainda tinha pânico quando a professora Matilde fazia ditado. Simplesmente não conseguia escrever as palavras com todas as letras! Mas quando isso aconteceu, ah, que felicidade... [olhos marejados]. A prima Magali, que estava em minha casa para fazer curso de datilografia em Ijuí, ajudou nessa empreitada. Foi ela quem fez eu entender a lógica do agrupamento das letras para formar palavras. Até hoje, quando lembro dessa conquista, me emociono muito, foi transformador. Poder sentir e dizer “eu também posso” é libertador. Acho que essa é uma das razões que *O mestre ignorante*, de Rancière, me é tão caro. A ideia de verificação da igualdade, neste salto do não-saber ler-escrever para o saber, é sentida por qualquer criança que entra no “mundo das letras”, só que ela não costuma ser pensada. Trata-se de um acontecimento emancipador colossal!

A Biblioteca da escola me atraía muito. Lembro do cheiro dela e do perfume da bibliotecária, a professora Irma Pretto. Ela amava os livros e aquele lugar. Dou-me conta, agora, que isso foi determinante em minha vida. Tinha dias que ia várias vezes trocar de livro, morava a uma quadra da escola. Meu pai brigava para eu ir almoçar, pois, por mim, ficava só naquelas histórias. Um dia a bibliotecária me disse: “Ester, a gente não deve ler mais que um livro por dia”. Coisa completamente sem sentido para mim, até o dia que, já velha, li *Èmile Fagueth* ao afirmar algo assim: “não importa o que você leia, importa que leia devagar”. Ler devagar e deixar o livro ressoar em você, por um tempo, deveria estar contido naquela recomendação da professora Irma.

A política sempre me interessou. Acompanhei pela TV o movimento das Diretas e o desespero do povo com a morte de Tancredo. Durante a maior greve da história do CEPERS [Sindicato dos professores estaduais do RS], que durou três meses, organizei uma manifestação com meus colegas, peguei todas as tampas de painéis de casa e organizei uma passeata: pedíamos volta às aulas e, ao mesmo tempo, aumento salarial a nossos professores – estávamos bem confusos e minha mãe não ficou nada feliz com a condição das tampas [risos]. Em 89, fiz campanha para o Lula. Não podia votar, estava com 15 anos, mas fiz boca de urna e quase fui presa. Ali estava definido o lado político que teria, acho que para a vida toda. Foi um dos melhores anos de minha vida, apesar de ter reprovado no 1º ano do antigo Segundo Grau. Com essa reprovação, sem rumo na vida, ouvi minha vó: “faça magistério. Ninguém mais vai querer ser professora. O salário voltará a ser bom!”.

Saí da escola pública, onde tinha acontecido toda minha formação escolar até então, e fui para o “Colégio das freiras”. Me dei muito bem no estágio. Em 94, fui contratada pela madre superiora para trabalhar na escola, nos anos iniciais, onde fiquei até 2000; o que também me deu condições de atuar no SINPRO [Sindicato dos professores de escolas particulares], como diretora de assuntos culturais e educacionais. Fizemos importantes agitações culturais e políticas na cidade. Foi uma escola e tanto para aprender a falar em público, defender e contestar posições, ganhar e perder democraticamente, desenvolver consciência de classe e a clareza da necessidade de organização política dos trabalhadores, aliada à alegria de estar com outros. Foi um sindicalismo alegre e cheio de amigos.

Em casa, nunca se discutiu se os quatro filhos fariam faculdade ou não, parecia natural que todos fariamos; o que aconteceu, sendo que cada um fez o que quis e onde quis. Estava decidida a ser professora. Pelo o que os livros e as vivências fizeram de mim, pelo jeito contestador, desde guria, era “óbvio” que meu destino seria a Filosofia. Tanto é que ninguém se surpreendeu! Na época havia uma cultura de fazer faixas de “Bixo” – especialmente se fosse em Medicina, Odonto, Engenharias –, meus pais fizeram uma, cheios de orgulho pela filha que já chamavam de “filósofa”, e esticaram-na em frente à nossa casa. Ninguém entendia muito bem as razões disso, afinal era Filosofia... [risos].

Em Ijuí está a sede da UNIJUÍ, uma Universidade comunitária criada a partir de um projeto do município com a Ordem dos capuchinhos que fundou, nos anos 50, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI), que depois virou FIDENE e então, em 85, UNIJUÍ. Vinha gente de todo o lado, especialmente para os “cursos de férias”. As licenciaturas eram fortes e a perspectiva filosófica também. Não havia nenhum curso que não tivesse as disciplinas de Lógica e Filosofia, no Ciclo Básico. Havia um clima de comunidade filosófica contagiante, professores de diferentes cursos tinham um pé na Filosofia; eram amigos entre si e dos estudantes. A arquitetura ajudava muito: entrava-se para as salas de aula pelo RU, que também vendia cerveja, onde, depois do horário regular das aulas, as discussões continuavam, bem mais entusiasmadas, até começar o baile! O prédio estava ao lado de uma enorme Igreja dos Capuchinhos. As celebrações pagãs e cristãs conviviam harmonicamente. Contando, hoje, ninguém acredita que algo assim existiu! É preciso recuperar os arquivos dessa história que devem estar na memória de muita gente. Isso me forjou. Apesar da necessidade da solidão para estudar, considero indispensável a filosofia entre os vivos, em bando.

A possibilidade do conhecimento e do pensamento sempre me intrigou, atravessa minhas pesquisas. Para o TCC, pesquisei a Estética transcendental, que foi transformada em um livrinho intitulado *Immanuel Kant: a supremacia do tempo sobre o espaço*. Essa publicação foi incentivada por dois professores, a quem devo muito a minha formação: o professor Paulo Rudi Schneider que sempre destacou o meu jeito

de escrever como um elemento importante na comunicação do pensamento filosófico; e o professor Mario Osorio Marques, inventor de todas as bases do que ainda hoje é a Unijuí. Ele foi quem também criou a Editora Unijuí e o PPG em Educação, com perspectiva interdisciplinar. Morreu nos incitando a escrever, incentivando publicações, criando coleções e coleções na Editora. Ele, ao lado da Sandra Corazza, é o espírito mais jovial e inquieto com quem convivi, sobretudo do ponto de vista da invenção da e na escrita. Na Editora Unijuí publiquei o TCC, na coleção “Monografias”, e minha tese, *Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino de filosofia*, na Coleção “Filosofia e ensino”, que ajudei a criar, a partir do movimento Sul-brasileiro pela inclusão da Filosofia nos curriculares escolares.

O Mestrado foi a oportunidade de eu juntar o trabalho com as crianças e a Filosofia. Pesquisei, experienciei e escrevi sobre a proposta de Filosofia para crianças, de Matthew Lipman, ao mesmo tempo em que minha filha estava aprendendo a falar. Tinha um laboratório em casa. Meu orientador foi o professor Claudio Boeira Garcia, especialista em Arendt e Rousseau. Dizia que nada sabia da minha pesquisa, mas, como era um bom leitor, podia me orientar. O rigor da orientação, da leitura atenta e da correção linha a linha foi experienciado com ele, o que carrego comigo no papel de orientadora. Foi um período que aproveitei muito, estudei teorias de várias áreas. Nossas aulas eram interdisciplinares, a maioria com dois professores, juntos na mesma aula. Tive uma formação ampla, ao contrário do que costuma ser na Pós-graduação. Fui muito privilegiada. Com bolsa de estudos, pude participar de eventos em vários lugares do país e ajudei a organizar simpósios sobre o ensino de filosofia. Se tratava de uma atuação filosófica-política-educacional que se prolonga até hoje. Depois da defesa, passei a trabalhar Filosofia, com todas as turmas e séries, na EFA – Escola de Educação Básica Francisco de Assis, outra invenção do Mario Osorio Marques, com plena liberdade de criar, de preferência, interdisciplinarmente.

A heterogeneidade, as misturas de temas e áreas de conhecimento, o pensamento sem fronteiras muito bem definidas sempre me fascinaram. A pós-graduação em Educação costuma ser mais sensível a isso do que a Filosofia, que tem uma certa mania de pureza. O estímulo da professora Vânia Azeredo, para que eu fizesse doutorado em Educação, foi determinante para minha escolha. Passei na UNICAMP e na UFRGS. Por razões geográficas escolhi Porto Alegre.

Depois que conheci a professora Sandra Corazza – por quem fui apresentada a Deleuze e Guattari, no primeiro dia de aula do curso – as razões intelectuais e afetivas se sobrepuseram. Ela se tornou minha orientadora no final do primeiro ano do curso. Modifiquei meu projeto de pesquisa. Fui, então, contemplada com bolsa de estudos e mudamos para a capital – Remi, meu companheiro de vida, havia passado na seleção de doutorado, na Filosofia da PUC. Minha vida mudou bastante. Voltei a “só” estudar. Li mais do que nunca, afinal estava escrevendo uma tese a

partir de um autor que recém havia conhecido. Um filósofo que afirmava e fazia o múltiplo! A Linha de Pesquisa 9, “Filosofias da diferença e educação”, a qual estava ligada, era e é muito vivaz, sempre ofertando atividades acadêmicas, abertas ao público em geral, capazes de promoverem aquilo que Nietzsche e Deleuze afirmaram ser fundamental: produzir uma nova sensibilidade para criar novos modos de pensar. E isso implica borrar fronteiras entre filosofia, artes e ciências. O que venho fazendo desde então.

D – Nas últimas décadas, sua pesquisa tem se concentrado sobre a filosofia de Gilles Deleuze. Por ocasião do doutorado, a professora realizou também estudos em Portugal se inserindo num circuito mais amplo de investigação em torno da obra do pensador francês, além do GT/Deleuze na ANPOF. Até que ponto essa vivência não só intelectual, mas cultural, tem sido significativa? Quais seus projetos atuais e futuros nessa perspectiva?

EMDH – Sim, passar um semestre no exterior foi outro diferencial em minha formação. Na Universidade de Lisboa, sob a orientação do professor Nuno Nabais, na companhia de colegas de vários países, pude verificar que o trabalho com a filosofia de Deleuze é o grande disparador de multiplicidades heterogêneas do pensamento. O que se repete no GT-Deleuze da ANPOF, que é nada hierárquico e absolutamente acolhedor, coisa rara na filosofia é o que Deleuze conseguiu deixar de herança aquilo que declarou em seu *Abecedário*, não queria criar escolas, mas movimentos de pensamento. Pessoas advindas das artes plásticas e das cênicas, da música, da dança, da arquitetura, da filosofia, da educação, da psicologia, do direito, da matemática, da biologia, etc. se encontram com linhas da filosofia deleuziana e constituem, de fato, rizomas. Dizer isso parece um grande clichê, aquilo que mata o pensamento, mas, como sugeriu Flaubert, há sempre um fundo de verdade nas ideias feitas... a imagem do rizoma para expressar o pensamento de Deleuze ainda é perfeitamente adequada (mais um clichê aí!). Fui para Portugal com a tese bem orientada e encaminhada, os capítulos estavam todos esboçados, uns mais adiantados do que outros, mas todos receberam acréscimos de ideias que foram desenvolvidas por lá.

Você pergunta sobre a vivência cultural. Sim, avalio que o mais importante da experiência do doutorado-sanduiche foi essa dimensão: assistir o Ballet Bolshoi, com a apresentação d’*O lago dos cisnes* em um teatro centenário; contemplar o Tejo; passear pela Calouste Gulbenkian, lugar de onde saíram as traduções da *República* e da *Crítica da Razão Pura*, umas de minhas primeiras aquisições; visitar o Louvre; conhecer Atenas; deitar-se sobre as camomilas floridas no Templo de Zeus; ficar diante do *Papa* de Francis Bacon, contemplar *A escola de Atenas* de Rafael e parar sob o teto da *Capela Sistina* no Vaticano; andar pela *Rua do Ouro* em Praga e entrar na casa onde Kafka escreveu *O castelo*; passear pelas vielas de Veneza, pisar nas pedras em frente à Igreja de São Marcos, as mesmas que o herói de Proust teria

pisado, por exemplo, só foi possível com esse investimento do Estado brasileiro na formação de uma de suas pesquisadoras. Todos esses lugares e obras são parte de mim, me constituem e determinam o horizonte de minha docência-pesquisa. À época, havia um entendimento de que o doutorado-sanduíche era oportunidade para uma formação ampla, cultural, intelectual, pessoal, parece que agora isso vem mudando, há mais restrições, proibições, vigilância até.

Encontrar-se com o desconhecido, habitar a fronteira entre o saber e a ignorância, criar condições para diferir-me de mim mesma, são os principais aprendizados que venho tendo com a filosofia de Deleuze e com encontros com as gentes que também lidam com ele. Projetos são muitos, a curto e a longo prazo. Há um livro que organizei, com amigos, orientandos e alunos do PPG, que deverá ser lançado durante o XXIV Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da Unioeste, chama-se *Contra o juízo: Deleuze e os herdeiros de Spinoza*, editora Appris. Como o título sugere, o sistema do juízo, que pauta nosso modo de ser, agir, pensar e que tanto dá coragem aos que se acham “pessoas de bem” saírem julgando – e condenando –, é posto em questão. Para o lançamento, estou, junto com estudantes da universidade, ensaiando a tragédia de Sófocles *Euríneas*. Segundo Deleuze, este é o primeiro tribunal da história, de onde nasce a doutrina do julgamento que se prolonga na História da Filosofia, inclusive, determinando a qual lote cada um de nós deve pertencer. Estou vivendo a experiência de me deixar dirigir, junto com outros, por um estudante do curso, o Júnior Cunha, amante do teatro. Está sendo uma experiência surpreendente.

Encontro-me relativamente afastada da universidade, em Licença Sabática, deparando-me com uma outra fronteira que ainda é bastante ignorada por mim: a língua inglesa. Expor-me, não ter outra língua a recorrer para me comunicar é mais um desafio que lancei a mim mesma. Passarei um tempo, durante este período, no Canadá, num encontro com o absolutamente novo, em termos geográficos, gramaticais, emocionais etc. e, se tudo der certo, encontrar-me-ei, ainda, com o fenômeno da Aurora Boreal, um sonho de infância. Ao lado disso, estou trabalhando com uma pequena parte do chamado “Deleuze do cinema”, propriamente o que ele classifica como cinema político, sobretudo para investigar o conceito de “povo por vir”, algo que comecei a fazer em uma disciplina optativa que criei e ofertei no primeiro semestre desse ano, a qual foi muito bem recebida e avaliada pelos estudantes. Assistir os filmes que ele classifica como sendo “Cinema do Terceiro Mundo” – o que se tornou possível com a ajuda que o colega e amigo cinéfilo João Ferrer deu (ele baixou todos os filmes referidos por Deleuze dessa classificação) –, pensar a problematização e a produção do conceito e sistematizar a pesquisa em artigos e em um futuro curso faz parte do projeto que deverá ser prolongado para os próximos anos, segundo uma intuição de que será possível lidar com a noção de violência sobre o pensamento, desenvolvida na tese, e a violência presente nesse

tipo de cinema, sobretudo a partir da ideia de Glauber Rocha de “Estética da violência”.

Como se pode notar, embaralhar códigos e flertar com o não-saber são minhas metas. Aliás, avalio que isso é bastante salutar para a própria invenção da docência: deparar-me com o que ignoro, com meus limites, estar num constante ato de aprender algo desconhecido também me torna uma professora mais sensível às dificuldades que os estudantes que me chegam sentem. É muito cômodo, na condição de professora, ministrar as mesmas disciplinas, lidar com os mesmos livros e autores e acabar sequer compreendendo as dificuldades dos aprendizes, isso porque se deixou de ser um deles, o que faz com que a pessoa se torne embrutecida e embrutecedora. Acho que esse é o caminho da esterilidade do pensamento.

D – Outro importante projeto em rede tem sido o Escrileituras vinculado à área de Educação na UFRGS, onde a professora se formou. Conte-nos um pouco dessa vivência?

EMDH – Essa foi a experiência acadêmica mais completa que vivi. Está presente no que faço e sou hoje na universidade. Graças à ela aprendi a pesquisar em rede, a orientar na pós-graduação, a estabelecer relações com escolas e secretaria municipal de educação, a criar condições produtivas de trabalho integrado com estudantes de graduação, de pós-graduação, com professores e estudantes de escolas. Em poucas palavras, com o Escrileituras passei a apostar cada vez mais nas pessoas dispostas a se puxarem e a me puxar com elas. O projeto foi enorme e produtivo, para muito além do que imaginamos no começo!

Ele foi possível a partir de uma política pública do MEC, financiada pela CAPES e organizada pelo Observatório de Educação, de 2010, que lançou um edital para que universidades, de preferência via interinstitucional, apresentassem projetos que contribuíssem para o aumento da qualificação da Educação Básica brasileira, em todos os seus níveis, e a melhoria do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), estipulado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). A partir da iniciativa da professora Sandra Corazza, da UFRGS, e de seus orientandos e ex-orientandos, se produziu uma proposta intitulada “Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida” que implicou o tripé universitário e envolveu quatro universidades públicas de três estados (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (sede); Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, RS; Universidade Federal do Mato Grosso/UFMT, MT; e Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE, PR). Sua perspectiva teórica-prática-operatória-ética-política partiu da Filosofia da Diferença, especialmente com a produção de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e com a noção de transcrição de Haroldo de Campos. Daí produzimos, por quatro anos (2011-2014), Oficinas de Escrileituras com crianças, adolescentes, jovens e adultos, numa perspectiva educacional capaz de mobilizar a possibilidade da criação da diferença, com pessoas autônomas e não tratadas como

rebanho, a partir de experimentações com leituras e escrituras (escrileituras) provenientes de diversas fontes literárias, científicas e artísticas.

Tratou-se de um projeto que deu dignidade a seus participantes, também do ponto de vista econômico: foram cinco modalidades de bolsas, comportando uma média de 48 bolsistas ao ano, distribuídos entre 18 professores da Educação Básica – só em Toledo chegamos a ter 6 professores bolsistas, durante três anos; 18 estudantes de Graduação – aqui no Núcleo Toledo sempre tivemos no mínimo 4 bolsistas dessa modalidade; 09 mestrados – em nosso PPG, 4 mestrados se formaram por meio do projeto; 03 doutorandos e 03 coordenadores de Núcleos.

Não se trata de exagero quando digo que foi enorme: oferecemos, no total, 123 Oficinas de Escrileituras, que atenderam em torno de 166.406 estudantes e professores de escolas. Afora as dissertações e teses, os trabalhos apresentados em eventos e os artigos publicados, criamos a Coleção Escrileituras que publicou, em editoras universitárias, 10 volumes de Cadernos de Notas, nos quais foram tornadas públicas as experimentações de pensamento-pesquisa, ao longo do processo de desenvolvimento do Projeto – originalmente o plano era publicar um Caderno por ano!

Vivenciamos algo desenvolvido por Deleuze e Guattari no *Mil platôs* a respeito da necessidade da coexistência entre a macro e a micropolítica. Verificamos que a política de Estado, na condição de planificadora da educação nacional, que demanda cidadãos brasileiros alfabetizados, dotados de raciocínio lógico-matemático precisa das ações das universidades para atuarem nas escolas, lidando com fluxos e partículas de leituras, escritas e vidas, os quais, inclusive, podem escapar dos gráficos e índices da grande política estatal. Em uma via de mão-dupla, o Ministério da Educação necessita de microações, propostas pelas instituições educacionais; enquanto, nós, pesquisadores e professores de diversos níveis, precisamos das macroações de Estado. O molar e o molecular, para usar os termos de Deleuze e Guattari, infiltram-se um no outro, numa relação de interdependência, e fazem com que a política aconteça e modos de vida em comum sejam inventados. Hoje, com a ausência total de editais com finalidades como essa, também como o PIBID, outro revolucionário Programa que está sendo aniquilado, vemos a própria política educacional morrer, pois ela só pode ser dar num regime de retroalimentação.

Findado o projeto Escrileituras, tornou-se impossível pôr um ponto final nas relações interinstitucionais que inventamos. Criamos a Rede de Pesquisa “Escrileituras da Diferença em filosofia-educação” e seguimos produzindo juntos. No ano passado lançamos, pela editora da Unioeste, o livro *Aula com... em vias de uma didática da invenção*; este ano deverá ser publicado, pela UFRGS, o *Breviário dos sonhos*, organizado por Sandra Corazza. Outros projetos estão no horizonte, sendo propostos por diferentes fios dessa rede que funciona como uma grande teia de aranha. Qualquer um que já tenha observado uma, sabe o que acontece nela



quando há movimento em uma de suas partes... Em maio estive no Chile, em um evento chamado “Pensar em rede”, com pesquisadores daquele país, do Brasil e da Argentina, apresentei a experiência do Escrituras a qual foi recebida de modo impressionante, por seu tamanho e por todos os seus “produtos”. Especialmente para os chilenos, o que mais impressionou foi, primeiro, a possibilidade de algo assim como política pública, depois, a sua efetividade, pois eles estão tão neoliberalmente individualizados que chega a ser difícil pensarem algo assim, o que dirá realizar. Contudo, saber que é possível foi animador, assim como é para nós que hoje vivemos dias tão difíceis, também do ponto de vista da educação, em termos macropolítico-econômico.

D – A professora chegou na UNIOESTE em 2009. Logo, em seguida, assumiu as coordenações dos colegiados de graduação e pós-graduação do Curso de Filosofia. O que, aos seus olhos, representa ambas as experiências?

EMDH – É, e fiz isso enquanto coordenei o Núcleo Toledo do Escrituras e o PET Filosofia! Foram seis anos que, além de coordenar os colegiados – 4 anos na graduação e 2 na pós – participei, na condição de conselheira, dos conselhos de Centro, de Campus e do Universitário. Foi quando conheci a universidade “por dentro”, sua lógica de funcionamento, as responsabilidades de cada órgão, a vitalidade de sua democracia efetivamente participativa. Gostei muito de fazer parte da administração da universidade, apesar das dificuldades, sobretudo devido ao baixo número de agentes universitários. Em menos de dez anos na Unioeste, vivi as 4 dimensões da universidade que, além do clássico tripé ensino, pesquisa e extensão, também têm a administração. Avalio que aquilo que aprendi, no tempo que fui da diretoria do sindicato, lá no começo de minha vida profissional, me habilitou para o dia-a-dia na coordenação, assim como para coordenar as reuniões e conduzir os debates, que não são poucos na Filosofia. Penso que é isso que se faz na coordenação de um curso: dá-se coordenadas.

Cabe à coordenação indicar caminhos/trilhas, ter ideias, inventar saídas e pô-las em apreciação/avaliação/deliberação, se surgirem outras mais interessantes, a partir do coletivo, tanto melhor. Quem ocupa a coordenação, durante o seu mandato, deve ser o primeiro a se dispor a tudo para o bom funcionamento do curso – em diálogo e acordos, às vezes discordantes, com as demais instâncias do *campus*, sobretudo. Se tiver companheiros, colegas professores e estudantes aliados e conseguir aumentar a potência do curso, maravilha – o que eu sempre tive! Caso contrário, terá que produzir alianças. A coordenação só não é lugar para quem não se puxa e nem gosta de trabalhar com o coletivo!

Antes de assumir a coordenação da graduação, coordenei os estágios. Consegui criar mecanismos de organização de tal modo que não dependesse mais da pessoa que assume o cargo, isso por meio do “Guia do estagiário” – que inclui instruções para orientadores e supervisores de estágio, produzido com a ajuda do Bracinho, o

Alexandre Klock, que criou o Portal da Filosofia na Internet e deu ampla divulgação para o nosso curso –, inspirado em um guia de estágios do curso de Artes da UFRGS, feito pela professora Paola Zordan. O nosso Guia foi sendo aprimorado pelas colegas Célia, Nelsi e Ana Karine, que vieram depois de mim. O material ficou tão bom que foi encontrado por uma universidade pública do Nordeste e solicitado para servir de inspiração por lá.

Na coordenação da graduação cabe destacar a semestralização do Curso, que foi defendida publicamente no Fórum das Licenciaturas e no CEPE, e efetivada a partir de um PPP elaborado com a participação de estudantes e dos professores; trata-se do instrumento de avaliação semestral realizada pelos estudantes em relação ao curso e a nós professores, o que agora foi aperfeiçoado com o professor Dias, atual coordenador. Na pós-graduação, além de ampliar o quadro docente, as ações foram de continuidade do fortalecimento do programa via elaboração, discussão, aperfeiçoamento e aprovação de resoluções que tornam a qualidade do trabalho docente e discente cada vez mais independente da lógica da simpatia e mais orientado pela estima, sentimento este adequado às instituições sólidas, como nos ensinam Hume e Deleuze.

Enfim, é esse o “espírito” de nosso curso, nossa maior qualidade, o trabalho coletivo e comprometido. Gostei muito da experiência de coordenar os dois colegiados, sobretudo, graças a esse fator. Se estamos às vésperas de completar 40 anos de Curso de Graduação e 15 de Pós, com Mestrado e Doutorado, reconhecidos Brasil afora, é porque, antes da atual geração, houve um coletivo de professores e estudantes que fez essa história, incluindo o Simpósio que este ano terá sua 24ª edição. Cabe a nós sermos dignos dessa herança e inventarmos caminhos para que, no porvir, outros ocupem nossos lugares, a fim de que essa Instituição Filosofia da Unioeste se fortaleça mais e mais, com responsabilidade pública em todas as nossas ações.

D – Outro projeto importante, nesse contexto, foi o PET, ao qual a professora assumiu a tutoria entre abril de 2016 e março de 2019. Como que a senhora avalia esse Programa como atividade estratégica de formação discente?

EMDH – O PET é mais um orgulho de todos nós da Filosofia, não sem motivos. Impulsionado pela teimosia do professor Gambim – vale muito ler o que ele conta no primeiro número da *Diaphonía* [<http://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/10195/8390>] e pelos petianos da época. Hoje três deles fazem parte do corpo docente, o Claudinei, a Nelsi e a Célia. Conseguimos atravessar governos e atualmente receber, como bolsistas do PET, filhos de ex-petianos que também escolheram estudar Filosofia. Acredito que para todos os tutores que passaram pelo PET é uma honra ter ocupado tal posto, pois o que o programa propicia de aprendizado para os seus membros não é pouco. Vemos entrar jovens inseguros e sair, na maior parte dos casos, docentes-

pesquisadores criativos e inventores de problemas que merecem ser pensados na continuidade de seus estudos. Nos quase dez anos que estou aqui, a percepção do que é o PET e dos petianos mudou bastante, aliás, a própria proposta do PET foi alterada no MEC e isso quem conta é o professor César, em sua entrevista na Revista [<http://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/13462/9267>]. Se na sua origem, em 79, se tratava de produzir uma elite intelectual preparada para seguir a pesquisa na pós-graduação, agora se trata de formar pessoas comprometidas consigo, com a universidade, com o conhecimento, com a educação, com a sociedade e o seu futuro. Incluir o tripé universitário como eixo orientador das atividades foi a principal mudança em nível macropolítico. Planejar e realizar as atividades de forma integrada, com ensino, pesquisa e extensão, é o maior desafio.

Para que tal integração aconteça avalio ser necessário, antes de tudo, unir o grupo para que ele, inteiro, queira e goste de estar junto. É preciso, portanto, criar condições para que um não deixe o outro “na mão”, que cada um se sinta corresponsável na mesma medida. Houve momentos que isso se efetivou, ao ponto de a sala do PET tornar-se a segunda casa, o lugar de encontro para estudar e resolver problemas existenciais, de preparar juntos as atividades a serem realizadas, de fazermos momentos de avaliação em que a crítica e a autocrítica foram recebidos de modo a nos tornarmos pessoas mais cooperativas, solidárias e comprometidas. Por várias vezes ouvi depoimentos de petianos que diziam se manter no curso por causa do PET, não tanto pela bolsa, mas por ser um lugar afetivamente seguro, de amizade, relações horizontais, propício para a pesquisa, o ensino e a extensão.

Veja que atividade estratégica de formação discente é essa! Claro que o “normal” é ter algum ou alguns que se perpetuam como estranhos ao grupo. Ora, lidar com isso é mais um desafio, sobretudo para quem está na tutoria. Portanto, constituir um grupo coeso, que confia um no outro e que, inclusive, reserva lugar ao estranho, é o primeiro passo para que o planejamento seja cumprido satisfatoriamente e que não sobrecarregue alguns. Na época em que assumi a tutoria do PET avaliava-se que a maior dificuldade era a realização da dimensão do ensino. Com os anos de docência na Educação Básica, a experiência do Escreleituras, na qual já havia realizado uma série de oficinas com crianças do município, com o tema do triênio, “As fronteiras da filosofia: literatura, artes e ciências”, associado ao ânimo dos petianos, o trabalho de filosofia com crianças foi concretizado regularmente e o tripé ficou completo. Recebíamos crianças na universidade e íamos para escolas, a fim de realizar oficinas que havíamos criado a partir de pesquisas em torno das referidas fronteiras.

Além disso, os petianos vêm participando com vigor do movimento estudantil. Às vezes dá a impressão que seus membros se sentem responsáveis por tudo o que diz respeito ao curso. Talvez isso se deve à atual composição de bolsistas, mas tenho a impressão que, ao sair, cada petiano deixa o que o substitui incumbido de tocar o

“barco” da Filosofia. Com o fim do PIBID, o PET passou a se responsabilizar por muitas atividades do curso, desde a recepção aos calouros, passando pela organização da aula inaugural, a semana acadêmica, o simpósio e atividades de divulgação do curso. E ainda tem a Revista! Talvez esteja extenuante. Ainda assim, parece que todos estão pesquisando e apresentando resultados parciais nos eventos; alguns escrevem e publicam artigos. Os estágios estão sendo feitos de forma exemplar pelos petianos. Também os aprendizados das oficinas do PET são transformados e passam a fazer parte do planejamento das aulas. É o que verifiquei nos estágios que acompanhei e orientei. Não há dúvidas de que viver o PET faz muita diferença na formação discente, também na docente. Sinto saudades do tempo que vivi o PET e sou grata ao Colegiado por ter confiado tal tarefa a mim.

D – Qual sua posição relativa à disciplina de Filosofia no ensino médio em face da atual conjuntura nacional? Quais as implicações do ponto de vista das políticas públicas?

EMDH – Faz parte da história dessa disciplina, no Brasil, entrar e sair dos currículos. Ficar mais fora do que dentro é a regra, se pensarmos da perspectiva do tempo histórico, assim como são os tempos democráticos. Mas algo diferente aconteceu, muito antes de 2008, quando ela voltou, da última vez, oficialmente, para o currículo nacional. A mobilização de professores, pesquisadores, intelectuais de diferentes áreas, sociedade civil em geral nunca havia sido tão articulada, inclusive internacionalmente. Transcrevi, organizei e publiquei uma demorada conversa entre figuras relevantes dessa história como os professores brasileiros Emmanuel Appel, da UFPR, o Sílvio Gallo da Unicamp, o veterano professor uruguaio Maurício Langon e a professora argentina Laura Agratti. Todos, aliás, muito envolvidos em seus países e na América Latina com a formação de professores e a criação de materiais filosóficos para os currículos. Isso tudo vale ser lido e está disponível na Revista Sul-americana de Filosofia e Educação (<http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4644/4232>), surgida em 2003, no calor desse movimento.

Começamos, na região Sul, a nos mobilizar com o Fórum dos Cursos de Filosofia, o que deu origem ao Simpósio Sul-brasileiro de Ensino de Filosofia; depois foram criados Fóruns e Simpósios nas regiões Sudeste e Centro-Oeste; o Nordeste e o Norte também se mobilizaram. O então presidente Fernando Henrique Cardoso vetou o projeto de lei, que havia sido aprovado por unanimidade nas duas casas do Congresso Nacional, em 2001. Tenho a impressão que, ironicamente, esse foi um fator importante para o aumento da vitalidade da filosofia no país. Basta, apenas, observar quantas conquistas foram alcançadas desde aí, em todos os níveis. Periódicos, eventos, coleções, publicações, cursos de graduação e pós-graduação, concursos públicos, questões nos vestibulares e no ENEM se multiplicaram em

todas as regiões do país ao longo do início do XXI. Claro que o clima político ajudou, mas nenhuma de nossas conquistas veio como “presente” dos governos.

Ao lado das articulações políticas nos legislativos estaduais e nacional, nos pusemos a pensar, escrever, apresentar perspectivas filosóficas do ensino de Filosofia. Lembro que, em 2002, quando realizamos o II Simpósio Sul-brasileiro, na Unijuí, lançamos, já no evento, o segundo volume da Coleção “Filosofia e ensino”, *Filosofia e ensino em debate*. As mais de 600 páginas traziam a ideia de que quando a filosofia voltasse aos currículos teríamos que ter produções e subsídios para que os professores soubessem o que fazer nas aulas e as razões para fazerem o que fazem. Uma busca pela internet evidencia o quanto ninguém esperou para ver acontecer.

Nas graduações, as disciplinas de didática, metodologia do ensino de filosofia e estágios deixaram de ser atribuição dos cursos de Pedagogia para passarem a ser preocupação dos próprios cursos de Filosofia. A preparação de professores foi transformada em problema da Filosofia que merece ser pensado por pessoas com formação na área. Foi num contexto como esse que nasceram, no Paraná, o *Livro didático público* e a *Antologia de textos filosóficos*. Ambos produzidos por professores também daqui. Olhávamos para isso, desde os outros estados, e só podíamos aplaudir e tentar produzir materiais inspirados neles. É claro que políticas públicas, com fomento financeiro, fazem muita diferença em nossas ações. Mas acredito que com elas ou sem elas seguiremos criando com as gerações que nos chegam. O Mestrado Profissional em Filosofia, criado em rede nacional, passou a mostrar seus frutos, mesmo sem verba específica para tal! A lógica de terra arrasada do atual Ministério da Educação há de ser vencida. Somos humanos, apesar da vergonha de sê-lo há algo que merece louvor à nossa demasiada humanidade: a sua capacidade inventiva para resistir e inventar soluções para os problemas, por meio da criação de saídas para que a vida livre continue existindo.

D – Qual a sua perspectiva para a filosofia no país? Que desafios a área tem pela frente, sobretudo no contexto geral da universidade?

EMDH – Já falei demais, serei breve: desde o seu nascimento a filosofia teve inimigos que desejaram aniquilá-la ou rivais que tentaram tomar o seu lugar. Ela segue aí, incomodando a besteira, dentro e fora da universidade. Ora com humor, ora com ironia faz mal para muitos tipos que atravancam o seu caminho. Até se entende por que as querem fora, mas, nela e com ela, seguimos em frente, como o poeta com seu *Poeminho do contra*: “eles passarão, [nós] passarinho”.